



CAPPELLI

E-mail: paulo.cappelli@correiodamanha.net.br

ENTREVISTA/JOSÉ DIRCEU

Dirceu cita chapa de Lula como trunfo e diz que aliança com Trump prejudica Flávio

Em entrevista exclusiva, José Dirceu opina sobre a eleição e mostra otimismo para vitória do PT

Em entrevista exclusiva, o ex-ministro José Dirceu avaliou o cenário da disputa presidencial de 2026, comentou a relação entre Brasil e Estados Unidos e analisou os principais temas da política nacional. Na conversa, afirmou que acredita que a aproximação de Flávio Bolsonaro com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, tende a prejudicar mais do que ajudar a campanha do senador ao Palácio do Planalto.

Dirceu também demonstrou otimismo em relação à candidatura à reeleição do presidente Lula (PT) e disse considerar que a chapa montada pelo petista é “muito forte”, destacando as alianças partidárias e um possível cenário político favorável ao governo.

O senhor está enfrentando um linfoma, aos 80 anos de idade. Como está a saúde?

Realmente, eu descobri em maio um linfoma no duodeno, que é um órgão pequeno, 32 centímetros, tem 10, um linfoma agressivo, mas curável.

Comecei o tratamento, está indo bem, sem grandes intercorrências, seguindo o protocolo. Tem sempre 21 dias: uma semana de aplicação em casa. A primeira é no hospital, em casa são 6, termina 31 de agosto.

Estou seguindo o tratamento, não posso sair de casa, porque a imunidade tem que estar sob controle, mas tenho indiretamente participado de todas as atividades políticas que posso, profissionais também, cuidando mais da família também.

Em relação à campanha presidencial, como o senhor avalia a situação de momento?

Eu avalio que é uma campanha que começou por causa da aliança que foi formada, mantendo o Geraldo Alckmin (PSB) de vice, nos coligando com o PDT, com o PSB, que é a primeira vez, todos os partidos estão juntos, além do PSOL, Rede, PT, PV e PCdoB.

Segundo, a unidade dentro do PT, consenso de manter essa aliança. Terceiro, nós temos apoio de uma parcela



José Dirceu revelou suas expectativas para as eleições e comentou sobre o cenário político no Brasil

importantíssima do MDB. Pode-se dizer que o MDB do Norte e do Nordeste está com o Lula.

E no PSD, com a ida do Gilberto Kassab para ser vice do Caiado, liberando os ministros para que individualmente permanecessem no governo. Liberou os estados para apoiar os candidatos, e o Lula tem apoio em estados importantes do PSD, além dessa opção da União Brasil, PP e dos Republicanos, que podem ficar neutros.

Eu acredito que o cenário é muito favorável para a gente e, lógico, que a eleição se ganha na campanha. Mas a campanha, o governo tem o que demonstrar que fez.

É evidente que a direita e a extrema-direita no país têm maioria no Parlamento. Aliás, a direita, sem o Bolsonaro e isso sem nós, tem maioria na Câmara e no Senado. Essa é uma realidade.

Agora, nós somos muito fortes. Nós ganhamos cinco de seis eleições e, na eleição de 18, onde nós estávamos sob representação política e jurídica, a gente foi para o segundo turno com 32 milhões de votos e fez mais 45% dos votos, próximo disso, no segundo turno.

O senhor acredita que a proximidade de Flávio Bolsonaro com o governo Trump mais atrapalha a candidatura dele do que ajuda?

Não tenho dúvida nenhuma,

e as pesquisas estão mostrando isso. Porque é inadmissível. Imagina se um senador americano ou um deputado, um ex-deputado, viesse ao Brasil fazer o papel que o Eduardo e o Flávio Bolsonaro estão fazendo. Eles seriam condenados à morte nos Estados Unidos, e rápido.

É um escândalo. É uma infâmia o que eles fazem. Eles se aliam a uma potência, a maior potência do mundo, para politicamente prejudicar o Brasil, intervir nos assuntos internos do Brasil, com relação ao Supremo, com relação à Presidência, com relação às eleições.

Uma das razões para o tarifaço é a condenação, é a eleição, porque o tarifaço em si não tem nenhuma explicação comercial, porque o Brasil não tem contencioso grave com os Estados Unidos. Pode ter contencioso político, mas isso é natural entre os países.

A população brasileira rejeita a intervenção dos Estados Unidos no PIX, mas, por outro lado, apoia a classificação de PCC e CV como organizações terroristas. Essa leitura que o senhor faz também?

Eu faço, mas não porque sejam terroristas nos termos que os Estados Unidos estão dizendo, mas sim porque é um bota-terror.

Pode lembrar do noticiário nas televisões, há dois, três, quatro anos atrás, quando há o cho-

que entre as facções criminosas no Rio de Janeiro, mas mesmo em outros estados, como em Salvador. São Paulo tem menos isso, porque o PCC é o único que não disputa armas, não controla territórios, vendendo serviço, cobrando pedágio. É outra coisa, virou uma empresa, vamos dizer assim, entre aspas.

O problema dos Estados Unidos é dar um pretexto para intervir nas relações dos outros países. A guerra contra o terror foi iniciada com o Reagan, eu me lembro disso, na década de 80. Não deu certo.

O combate às organizações e às facções criminosas no Brasil está sendo feito, aliás, até pelos governos estaduais agora, e o governo federal, quando fez a PEC da Segurança, a Lei de Facções e a Lei do Perdimento, e iniciou as operações como a Carbono, mudou a sua atitude.

O senhor acredita que após essa classificação os Estados Unidos vão intervir no Brasil?

Não vejo razão para eles intervirem no Brasil. Se você pegar o governo de São Paulo nesses últimos 60 dias, ou a Polícia Civil do Rio, e mesmo no Ceará, na Bahia. Em vários estados do Brasil há um combate diário e cada vez mais sofisticado, com mais inteligência, mais integração e atacando o coração das facções criminosas. Isso é uma luta.

Aliás, dentro dos Estados

Unidos há muitas facções criminosas. Porque como é que se distribui, como é que morrem 120 mil americanos por ano por causa de drogas sintéticas? Por que o problema é tão grave nos Estados Unidos? Porque evidentemente também existem facções criminosas lá, que aliás o Trump devia primeiro começar a declarar como organizações narcoterroristas as que estão lá dentro.

Qual é o verdadeiro objetivo do Trump, na sua concepção?

Ele já deixou claro que apoia a família Bolsonaro. Coloca em dúvida as eleições. Vamos olhar o que o Trump está fazendo nos Estados Unidos. Nós queremos isso para o Brasil? Pergunto aos brasileiros: vocês querem a presidência que o Trump está fazendo lá?

Levando o país a várias guerras, montando uma fraude no sistema eleitoral, proibindo o voto pelo correio, desestimulando o voto das mulheres, reproduzindo discursos de que mulheres não sabem votar, tentando mudar distritos para criar uma maioria artificial, promovendo ofensiva contra imigrantes, pressionando a imprensa, pressionando as universidades, violando a liberdade de cátedra e a autonomia universitária.

O senhor teme que os EUA intervenham durante as eleições presidenciais no Brasil?

Do ponto de vista direto, não. Mas indiretamente já estão. Esse favorecimento à família Bolsonaro, quando Eduardo Bolsonaro vai para os Estados Unidos, se estabelece lá, e eles passam a dar abrigo, inclusive ao Allan dos Santos, ao Paulo Figueiredo e a quem for, para operar a favor da sua família e da candidatura do irmão, do pai ou de qualquer outro.

Como o senhor avalia a atuação do ministro Alexandre de Moraes no STF?

Ele e o STF cumpriram a Constituição no caso dos atos de 8 de janeiro e da tentativa de golpe de Estado, porque está comprovado que houve uma tentativa de golpe. Inclusive de envolver o Estado-Maior das Forças Armadas, o Estado-Maior do Exército, da Marinha e da Força Aérea